

A CULTURA E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

Luciana Ziglio¹
Maria Angela Comegna²

Resumo

A globalização é um processo que vêm se manifestando simultaneamente no campo social, econômico, político e cultural. O Mercado Global cria a ilusão de que tudo tende a assemelhar-se e a se tornar homogêneo. A globalização, que combina com integração e homogeneização, também rima com o binômio diferenciação e fragmentação. Neste trabalho, será caracterizado o processo de globalização cultural, tendo como metodologia, a comparação de estudos realizados a partir da década de 1980, de autores empenhados em analisar temas fundamentais relativos à cultura, pois suas várias repercussões estão sempre presentes em todos os lugares, ainda que em diferentes gradações. A questão que se apresenta é a de como devemos pensar as próximas perspectivas para a cultura local ou nacional diante da globalização, ou melhor, a globalização enquanto um processo cultural. Os enfoques aqui apresentados permitem afirmar que existe pouca perspectiva para o estabelecimento de uma cultura de alcance global unificada.

Palavras chave: globalização, cultura, mercado global.

Abstract

The globalization is a process that comes simultaneously if revealing in the social, economic field, cultural politician and. The Global Market creates the illusion of that everything tends to resemble itself and if to become homogeneous. The globalization that combines with integration and homogenization also rhymes with the binomial differentiation and spalling. In this work, the process of cultural globalization will be characterized, having as methodology, the comparison of studies carried through from the decade of 1980, of authors pledged in analyzing relative basic subjects to the culture, therefore its some repercussions are always gifts in all the places, still that in different gradations. The question that if presents is of as we must ahead think the next perspectives for the local or national culture to the globalization, or better, the globalization while a cultural process. The approaches presented here allow affirming that little perspective for the establishment of a unified culture of global reach exists.

Key words : globalization, global market, culture

¹ Aluna de pós-graduação em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). End. Rua Tenente Otávio Gomes, 330.apto.1504.CEP 01523-010.E-mail: : lziglio@yahoo.com.br

² Aluna de pós-graduação em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). End. Alameda Jaú, 585.apto.62. CEP: 01420-000. E-mail: macomegna@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A globalização é um processo que vêm se manifestando simultaneamente no campo social, econômico, político e cultural.

Os modernos meios de comunicação, correntes de opinião pública, escolas de pensamento científico e filosófico, instituições, padrões e valores culturais, são alguns dos vários aspectos da globalização que se generalizam ou se aprofundam nos diversos cantos do mundo, assim como os compromissos étnicos preservadores de identidade.

Isso significa dizer que o mundo não se desvincilhou da relação identitária e, conseqüentemente da relação de alteridade, como supõem os defensores de uma ordem globalizada uniformizadora, esquecidos de que o limite de viver juntos no mundo implica origem histórica, uma língua, interesses conjuntos e expectativas em um espaço físico preciso.

A compreensão de cultura, enquanto categoria de análise, levou em consideração a conceituação de Thompson, segundo a qual: “o padrão de cultura pode ser definido como significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças” (Thompson, 1995,176).

Diante da relevância do tema para a compreensão do mundo em que vivemos, a questão que se apresenta é a de como devemos pensar as próximas perspectivas para a cultura local ou nacional diante da globalização, ou melhor, a globalização enquanto um processo cultural. A expressão “cultura global”, nos sugere, de imediato, imagens das mais prosaicas às mais mirabolantes.

Uma delas, bastante difundida, poderia ser descrita, de forma simplificada, como a visão de um mundo “limpo”, informatizado, no qual os povos e os indivíduos se beneficiam das maravilhas da técnica, semeando uma consciência planetária que triunfará no mundo globalizado do terceiro milênio.

O desenvolvimento tecnológico, principalmente na área da informática e das comunicações soa como anunciante de uma revolução.

Um dos indícios a prenunciar tal transformação seria a Rede Mundial de Computadores, a *Internet*, da qual deriva a imagem de um mundo organizado segundo a estrutura de uma rede, onde a comunidade de usuários se transformaria no centro da vida cotidiana e a demografia da rede ficaria cada vez mais semelhante com a do próprio mundo.

Neste caso, a chamada supervia da informação estaria criando uma malha social nova e global.

Menos sonhadora e mais realista e politizada é a noção de cultura global, vista como resultado da extensão de uma determinada cultura aos limites do planeta.

Nesta perspectiva, a globalização cultural é tomada como peça ideológica de uma estratégia de dominação em escala mundial que resultaria na configuração de um mundo integrado e organizado, nos moldes de um enorme Estado-nação.

Para que este processo exista, é necessário imaginar um centro irradiador, cuja hegemonia econômica, tecnológica e cultural poderia ser coroada com a conquista final do planeta. Seu nome é conhecido: o imperialismo capitalista.

O imperialismo, liderado no século XIX pela Inglaterra, é representado no século XX pelos Estados Unidos, cuja máquina ideológica, aliada a interesses econômicos e militares, marcharia sobre a Terra, destruindo as manifestações culturais “autênticas” para impor seu domínio.

Estas duas visões do futuro mundial parecem ocupar extremos da discussão sobre a atual fase da globalização e seus desdobramentos. Ambas fazem referências a processos reais, que não devem ser ignorados.

Para se apreender as transformações por que passa o mundo, torna-se necessário analisar o papel desempenhado pela informática, pela *Internet* ou pelos modernos meios de transporte.

Da mesma forma, é certo que os Estados Unidos dominam a indústria cultural em escala mundial e vendem sua cultura em todos os cantos do mundo. Porém alguns fatos conspiram tanto contra o “fetiche” e a apologia da técnica quanto contra o determinismo militante.

Como observa Renato Ortiz (1994, p.96) o clima de euforia da literatura sobre os meios de comunicação e informática incorre em simplificações e traz de volta a atitude da humanidade do século XIX, quando visitava exposições mundiais e se fascinava com as novas invenções da época como o fonógrafo e o elevador.

É normal que o ser humano responda a novos estímulos e são muito animadoras as novidades científicas antes de estarem fisicamente incorporadas à vida social.

É também muitas vezes impossível de conter, diante das façanhas tecnológicas, a tentação de investi-las de faculdades como conceber um novo indivíduo, uma nova consciência ou revolucionar o mundo. Por outro lado, não são menos simplificadoras as evidências de que a cultura dos Estados Unidos impõe-se ao mundo para moldá-lo à sua própria imagem e semelhança.

A defesa da autenticidade cultural, subjacente ao ataque antiimperialista, é freqüentemente sentimentalista. Trás à tona mitos de acolhimento e calor humano que sugerem a segurança idealizada de uma infância deixada para trás.

É comum que neste mundo transformado pela globalização, venha à tona a saudade da comunidade integrada, que vincula o indivíduo num espaço físico, afetivo e simbólico determinado.

É nesse lugar perdido, onde as relações sociais baseiam-se no face a face e onde despontam formas culturais “verdadeiras”, que muitas vezes, de forma quase que subliminar, somos convocados para rechaçar a expansão ocidental.

Nessa modalidade de ecologia social o discurso preservacionista oscila de microculturas étnicas a grandes culturas nacionais, passando por “classismos” e regionalismos.

Entretanto, uma das características importantes do que se entende hoje por cultura global é justamente a maior visibilidade de manifestações étnicas, regionalistas ou originárias de sociedades ditas excluídas, indo do cinema iraniano à literatura africana.

Talvez nunca as nações ocidentais tenham-se visto como atualmente, na contingência de conviver com a diversidade cultural no interior de suas próprias fronteiras.

Se a influência dos Estados Unidos é um tema importante na pauta da esquerda das nações periféricas, a influência dos países periféricos também o é para a direita dos países centrais.³

O atual estágio de globalização cultural deve ser compreendido como etapa de um processo em curso, longe de ser concluído, no qual formas culturais nacionais ou locais entram crescentemente em contato, desterritorializam-se, geram mediações e criam “terceiras culturas”, na expressão de Mike Featherstone (1990, p.7).

As “terceiras culturas” devem ser entendidas como um conjunto de práticas, conhecimentos, convenções e estilos de vida que se desenvolvem de modo a se tornar cada vez mais independentes dos Estados-nação de origem. Essas “terceiras culturas” se formam como mediações em diversas áreas, colocando em xeque a idéia de que a periferia, vítima da

³ O Brasil deve aceitar que sua circunstância é encontrar o seu lugar no mundo, respeitando sua história e que a América latina é uma área de relações catalisadoras e não de exclusões. In: REIS, F. G. “O Brasil e a América Latina”.

ofensiva de um gigantesco “império”, tem apenas duas alternativas: deixar-se subjugar ou erguer muralhas para evitar sua incorporação à modernidade ocidental.

Não se deve perder de vista que, em muitas oportunidades, a própria cultura dita autêntica torna-se, por processos internos, um simulacro de autenticidade, como, por exemplo, são os desfiles de escolas de samba, revelando-se inoperante para expressar novos desejos e realidades⁴.

É, por isso, duvidosa a idéia de que o imperialismo cultural suprime as culturas locais para implantar em seu lugar uma nova cultura dominante. Essas teorias, em comum com outras que apregoam a uniformização da indústria cultural, tem imaginado a vigência de um sistema monolítico, capaz de manipular populações em escala planetária. Seja qual for à perspectiva que se adote, o fato é que está em curso uma nova etapa da globalização, embora seu futuro permaneça em aberto.

CULTURAS LOCAIS, GLOBAIS OU A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA?

Há uma cultura global? Se cultura global se assemelhar à cultura do Estado nacional, como um todo, podemos dizer que não. Porque neste caso, o conceito de cultura global não funciona.

A imagem da cultura de um Estado nacional é aquela que destaca a homogeneidade e a integração nacional. Seguindo esta linha, seria impossível identificar uma cultura global integrada sem a formação de um Estado universal, perspectiva esta improvável.

Lafer e Fonseca escrevem que [...] “a comunidade internacional raramente se move por valores universais: são interesses, oportunidades, cenários favoráveis e outros fatores, de origem predominantemente nacional que se combinam, em alguns momentos, para exprimir o sentido de sociedade que o sistema internacional também incorpora. [...] É claro que a força dos movimentos nacionalistas mencionados não destrói os mecanismos da globalização. Desenha-se, assim, a lógica integradora da economia das causas universais (direitos humanos, ecologia etc.) e de outro, a dinâmica da resistência à globalização, ora identificada com esforços de preservação da autonomia universal” (Lafer, C. e Fonseca G., 1994, p.60-61). Porém, se nos desviarmos da polaridade estática sugerida pela idéia inicial e usarmos uma definição mais ampla de cultura, como a de Thompson, e pensarmos mais em termos de processos, poderá ser possível nos referirmos à globalização da cultura.

Nesse sentido, podemos destacar processos de integração e desintegração cultural que se realizam não apenas em nível interestadual, mas também para processos que vão além da unidade da sociedade do Estado e que, portanto, podemos afirmar que ocorrem no nível transnacional ou trans-social.

Segundo este raciocínio, poderia ser possível destacar processos culturais trans-sociais que assumissem uma variedade de formas.

Algumas das quais anteriores às relações interestaduais, podendo ser considerados os Estados nacionais; processos que sustentam a permuta e o fluxo de mercadorias; de pessoas; de informações, conhecimentos e imagens, que dão origem aos processos de comunicação. Estes adquirem uma certa autonomia global.

Como conseqüência, poderia haver sistemas emergentes de “terceiras culturas”, os quais, eles próprios, se constituiriam em canais para todo o tipo de fluxos culturais diferentes, que não podem ser interpretados como o produto de trocas bilaterais entre Estados nacionais.

⁴ Segundo Ribeiro, o geógrafo David Harvey [...] “escreve que a facilidade de reprodução da ‘arte’, entendida como expressão da cultura, pode representar uma transitoriedade permanente, um novo estado de apreender a cultura e o conseqüente abandono da busca da singularidade na produção cultural. Harvey indica que não se pode esquecer que o capital também circula com o objetivo de ampliar-se nesse segmento da atividade humana, montando um imenso sistema de produção cultural baseados na produção de subjetividade por meio da propaganda. Isso leva a geografia de todos os lugares a cada lugar do mundo, reduzindo a geografia a um simulacro, como entende Baudrillard” (Ribeiro, 2002: 3).

Seria um erro conceber a idéia de uma cultura global necessariamente como um enfraquecimento comprometedor da soberania do Estados nacionais, que de alguma forma, serão absorvidos em unidades maiores e, com o tempo, num Estado mundial que produzirá homogeneidade e integração cultural.

Não seria correto também considerar o surgimento de “terceiras culturas” como a concretização de uma lógica que aponta para a homogeneização. Mike Featherstone afirma que “a lógica binária que busca compreender a cultura através dos termos mutuamente exclusivos de homogeneidade/heterogeneidade, integração/desintegração, unidade/diversidade” (Featherstone, 1990, p.8), deve ser ignorada. Esse tipo de raciocínio só funciona para apenas uma face da cultura, que é composta por inúmeras outras.

É preciso analisar os fundamentos e os processos geradores que envolvem a formação de imagens e das tradições culturais, bem como as lutas e as interdependências grupais, que levaram até essas oposições conceituais para o entendimento da cultura dentro da sociedade do Estado que, a partir daí, se projeta por todo o mundo.

O pós-modernismo tem sido um poderoso símbolo e imagem cultural do desvio da conceitualização de cultura global, menos em termos dos ditos processos de homogeneização⁵ e mais em termos de diversidade, de variedade e dos discursos populares e locais, dos códigos e das práticas que resistem e produzem a sistematização e a ordem.

Métodos de entendimento que operavam dentro de uma hierarquia simbólica restrita e de contextos fechados são agora solicitados a aceitar que todas as hierarquias simbólicas devam ser abertas e ilimitadas.

Porém, o conceito de cultura que foge da sociedade restrita do Estado nacional, também aponta para um limite, a imagem do planeta como um único espaço, estrutura geradora da unidade, dentro da qual realizar-se-á a diversidade.

Ao mesmo tempo, a tendência da pós-modernidade é a de evitar essas teorias complexas, considerando as mudanças que apontam para uma cultura global e abrindo um outro caminho no qual poderão ser registradas análises superficiais.

Featherstone sugere que o desafio para a sociologia atual, que testemunhou uma diminuição de fronteiras entre a cultura e as demais ciências sociais, é ao mesmo tempo, [...] “o de teorizar e formular sistemas de investigação sistemática que possam esclarecer esses processos de globalização e essas formas distintas de vida social que tornam problemático aquilo que há muito vem sendo considerado o tema fundamental da sociologia: a sociedade concebida quase exclusivamente como o Estado nacional restrito” (Featherstone, 1990, p.8-9).

Não é correto afirmar que a sociologia se preocupa unicamente com a sociedade do Estado nacional, já que o interesse nos processos globais e universais remonta à época do Iluminismo. Existem na sociologia, aqueles que adotam outra linha de análise que combina ciências sociais, filosofia e história e universalizam os modelos ocidentais de modernização, racionalização, industrialização, revolução e cidadania para o resto do mundo.

Aqueles que se interessam pela cultura e pelas perspectivas com o pós-modernismo, as teorias dos modelos de racionalização, de modernização e de industrialização devem ser consideradas com ceticismo.

Segundo Archer⁶, [...] “as várias formas de industrialização, a convergência e a teoria da pós-industrialização, que eram populares nas décadas de 1960 e 1970, subordinavam a

⁵ Podemos exemplificar como processos de homogeneização cultural, as teorias que apresentam a norte-americanização, o imperialismo cultural e uma cultura de consumo de massa proto-universal que se propaga às custas da dominação econômica e política do ocidente.

⁶ ARCHER, Margaret: “Teoria, cultura e sociedade pós-Industrial”. in: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global - Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990. 3ª ed.

cultura ao desenvolvimento estrutural e ignoravam a relação entre a cultura e a atividade prática” (Featherstone, 1990, p.9).

Da mesma forma, Touraine⁷ afirma que: [...] “a idéia de revolução que esteve no centro da representação ocidental da modernização acarretava a crença na lógica do sistema, uma sociedade sem agentes” (Featherstone, 1990, p.10).

Atualmente, muitos pensadores sustentam que o ensino básico da sociologia deveria deixar de se concentrar no estudo das sociedades e passar a concentrar-se na internacionalização e nos problemas globais.

A tendência é a preocupação cada vez mais acentuada em relação às particularidades, devido à exaustão da modernidade ocidental dentro de uma situação global, que impossibilita o esquecimento de outras tradições culturais e de civilização.

Esta idéia evoluiu, passando por muitas transformações, até chegar à imagem cultural do socialismo, que também vislumbrava uma cultura global; e, no pós-guerra, o ideal de desenvolvimento, sendo que esses dois ideais desencadearam uma série de batalhas culturais globais.

Os debates em torno do espaço da cultura na teoria dos sistemas mundiais trazem à tona muitos problemas, como os já citados.

Vários estudiosos apresentam visões diferentes sobre a relação mundo-cultura. Wallerstein⁸ apresenta uma linha de trabalho na qual afirma que o sistema mundial se “baseia numa lógica particular, a da acumulação incessante do capital” (Featherstone, 1990, p.10).

Sua obra é contestada por autores como Boyne⁹ e Worsley¹⁰ que afirmam que o modelo de Wallerstein “é uma outra variante da economia política que não leva na devida consideração a cultura” [...] (Featherstone, 1990, p.11).

Worsley observa que: [...] “sem a dimensão cultural, é impossível dar um sentido a um mundo moderno em que o nacionalismo, a religião e as hostilidades interétnicas foram muito mais importantes do que o internacionalismo e o secularismo” (Featherstone, 1990, p.11).

Esta mesma linha de análise é desenvolvida por Bergesen¹¹, sustentando que existe: [...] “uma base neo-utilitária comum para a análise dos sistemas mundiais como para a teoria das relações internacionais, que desconhece o relacionamento do poder e da cultura que precedeu os sistemas interestados” (Featherstone, 1990, p.11).

Para Bergesen, o erro de Wallerstein é o de trabalhar partindo das partes para chegar ao todo, onde se supõe que as subunidades, os Estados individuais, adquirem as suas propriedades definitivas antes de participar do sistema internacional. Ele afirma que: [...] “na maior parte dos Estados internacionais, o sistema internacional precedeu à existência deste e, além disso, possibilitou a sua existência em primeira instância” (Featherstone, 1990, p.11).

⁷TOURAINÉ, Alain. “A idéia de revolução”. in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura Global - Nacionalismo, Globalização e Modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

⁸WALLERSTEIN, Immanuel - “A cultura como campo de batalha ideológico do sistema mundial moderno”. in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

⁹BOYNE, Roy. “A cultura e o sistema mundial” in: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura Global - Nacionalismo, Globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

¹⁰WORSLEY, Peter - “Modelos do sistema mundial moderno”. in: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed. *Cultura global - nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

¹¹BERGESEN, Albert - “Inversão da teoria do sistema mundial” in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

Um sistema que foi gerado através da conquista e poder, e não da troca ou intercâmbio.

A teoria de Bergesen também está relacionada à teoria da globalização de Robertson¹², “segundo a qual os Estados nacionais não são considerados simplesmente como unidades que interagem, mas como constituintes do próprio mundo, um contexto global em que o mundo se torna um lugar ímpar, com seus próprios processos e formas de integração” (Featherstone, 1990, p.11).

Robertson destaca a autonomia do processo de globalização, devendo ser considerado como um fator que atua com certa interdependência dos processos sociais e sócio-culturais e convencionalmente designados.

Por esses motivos, o autor prefere utilizar o termo globalização ao invés de internacionalização (intercâmbios interestados nacionais), já que o mesmo chama atenção para a maneira como o mundo se torna único, através do domínio imperial de uma única nação ou bloco de poder, ou a vitória de uma empresa comercial, o proletariado universal, uma religião ou movimento federalista universal.

Todas essas possibilidades históricas poderiam ter criado várias maneiras de integração e de diferenciação cultural, assim como a atual fase do processo de globalização. Elas poderiam ser produtoras de uma cultura global.

Ainda para Robertson, a fase da globalização acelerou-se a partir de 1880, quando houve uma mudança em direção à idéia do Estado nacional unitário e homogêneo.

Também foram significativos os aumentos das instituições internacionais, as crescentes formas globais de comunicação, aceitação do horário global unificado, desenvolvimento de competições esportivas globais e o desenvolvimento de conceitos padronizados de cidadania, dos direitos e de humanidade.

Este processo de globalização que ressalta a extensão do inter-relacionamento cultural global, também pode ser um fator que conduz a um ecumenismo global.

Um processo através do qual, uma série de fluxos culturais produz tanto a homogeneidade quanto desordem cultural, ao misturar lados antes isolados de cultura relativamente homogênea.

Esta cultura homogênea, por seu turno, produz imagens mais complexas das outras reações que, por sua vez, também geram um fortalecimento de identidade, e também culturas transnacionais, podendo ser consideradas autênticas “terceiras culturas”, direcionadas para além das fronteiras nacionais.

O LOCALISMO E O COSMOPOLITISMO

O localismo é definido por Ulf Hannerz¹³ como: “culturas territorialmente ancoradas ou ‘culturas limitadas que envolvem relações frente-a-frente, entre povos que não se movimentam em grande escala” e o cosmopolitismo como “redes culturais transnacionais que se estendem num espaço onde existe uma boa dose de superposição e de fusão que estimula, uma orientação para se compreender o outro” (Featherstone, 1990, p.15).

Muitas pessoas, como os homens de negócios, viajam por toda parte que, com frequência, são pessoas locais que não desejam realmente sair de seu local de origem.

¹²ROBERTSON, Roland - “Mapeamento da condição global: globalização como conceito central” in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

¹³HANNERZ, Ulf - “Cosmopolitas e locais na cultura global.” in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

Para eles, existe uma literatura especializada e em expansão contendo orientações turísticas, que ensinam como podem estes viajantes se sentir “em casa” em terras estranhas e como evitar insultos culturais não intencionais em relação aos estrangeiros.

Como afirma o sociólogo Bauman¹⁴, a maior parte do turismo procura atualmente orientar os turistas que partem rumo a enclaves especiais e onde os mediadores desempenham o papel de manutenção das fronteiras a evitar quaisquer tipos de problemas.

Em contrapartida, existem inúmeras variedades de cosmopolitismo, como na diplomacia, onde a outra cultura é amplamente dominada e existe a capacidade de comunicar os resultados dessa competência a outros, através de uma terceira linguagem, como a linguagem diplomática.

Outro exemplo de cosmopolitismo é o dos intelectuais transnacionais, que se comunicam através dos fluxos culturais globais e que se “sentem em casa” junto a outras culturas, adotando uma postura reflexiva, metacultural ou estética para experiências culturais divergentes.

Um dos problemas em relação à dicotomia local-cosmopolita é o estrangeiro.

Para Bauman, o estrangeiro, “alguém que chega hoje e permanece até amanhã”, não se integra nas formas de associação cosmopolita/local, amigo/inimigo, o estrangeiro não se enquadra em nenhum tipo de classificação.

Nos ambientes urbanos, o estrangeiro aparece no mundo vital e se recusa a participar na construção de uma comunidade imaginária e dos esforços para por fim aos estrangeiros e redefini-los como amigos através de uma política de assimilação nacionalista.

Segundo Bauman, essas tentativas para se atingir uma uniformidade e uma homogeneidade cultural acabam em fracasso.

A modernidade, com o seu projeto de imposição da ordem no mundo e nos projetos de engenharia social, atinge os seus limites, e as cruzadas culturais organizadas pelo Estado são abandonadas.

O autor afirma que a mudança em direção a uma cultura pós-moderna contemporânea oferece uma oportunidade maior de tolerância, à medida que passamos para uma área em que as fronteiras nacionais e culturais são sempre reformuladas e ultrapassadas com mais facilidade.

A alma étnica das nações, as tradições pré-modernas, as memórias, os mitos, os valores e símbolos entrelaçados e conservados na consciência popular é objeto de estudo de Smith¹⁵.

Para ele, o processo de globalização e de intensificação dos contatos e o senso de que o mundo é um lugar ímpar, faz com que as nações se aproximem umas das outras em competições de prestígio cultural, que não necessariamente levem à tolerância.

Um mundo de culturas nacionais em competição, que busca melhorar a qualidade de seus Estados, oferece a perspectiva de “batalhas culturais” globais, sem espaço para projetos globais de integração, de língua franca e noções de “unidade na diversidade” ecumênica ou cosmopolita, apesar da existência das infra-estruturas necessárias de comunicações técnicas.

¹⁴BAUMAN, Zygmunt - “Modernidade e ambivalência” in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

¹⁵SMITH, Anthony D. - “Para uma cultura global?” in: Featherstone, Mike (org.). *Cultura global - Nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

O “CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES”

Enquanto vários estudiosos analisam a existência de uma perspectiva de uma cultura global ou a afirmação e manutenção de muitas e novas ou velhas formas de cultura no mundo, Huntington propõe um novo paradigma para a política internacional.

Buscando desafiar as concepções tradicionais e modernas da política internacional, ele apresenta uma nova concepção que denomina “choque das civilizações”.

Para Huntington, desde a queda do muro de Berlim, os conflitos internacionais decisivos não são mais de natureza ideológica, militar ou econômica, mas entre culturas. E as unidades políticas entre as quais essas relações de poder ou conflitos ocorrem passam a ser as unidades culturais, em particular as civilizações.

Segundo o autor, a civilização é o [...] “mais amplo agrupamento cultural de pessoas e o mais abrangente nível de identidade cultural que se verifica entre os homens, excetuando-se aquilo que distingue os seres humanos das demais espécies. Define-se por elementos objetivos comuns, como língua, história, religião, costumes e instituições, e também pela auto-identificação subjetiva dos povos” (Chiappin, 1994, p.45).

Sob este enfoque, a clivagem civilizacional vai estabelecer o nível mais geral de identificação de um indivíduo, grupo ou nação, substituindo o critério da nacionalidade.

A política internacional deixa de ser uma política de características predominantemente ocidentais, marcada e coordenada por agentes, valores ou instituições ocidentais, para tornar-se uma política entre culturas, e, portanto, entre civilizações; em particular entre a civilização ocidental e as não-ocidentais, e entre as não-ocidentais.

Nesta nova fase, a civilização ocidental terá de competir com as outras civilizações não-ocidentais e estas serão agentes que lutarão para construir a configuração e o arranjo institucional do sistema internacional.

De acordo com Huntington, na política das civilizações, as civilizações não ocidentais já não são mais os objetivos e alvos da história ocidental, pois agora se unem ao ocidente como agentes e sujeitos da história.

Dentro desta perspectiva, o Estado nacional continuará a ser o agente mais poderoso dos acontecimentos mundiais. Mas ele também deverá ser visto como membro de uma unidade mais fundamental, agora cultural, que se torna um novo agente dos acontecimentos globais das civilizações.

Huntington rejeita o paradigma do mundo único ou da civilização universal. Para ele, a espécie humana tem características comuns, que, no entanto, sempre foram compatíveis com a existência de culturas muito distintas. O autor recusa a convergência do sistema internacional para uma única sociedade ou Estado mundial. Sustenta que a história não terminou e que o mundo não é um só. E a razão dessa multiplicidade de mundos é a dimensão cultural e civilizacional,

“O que de fato importa para as pessoas não é a ideologia política ou o interesse econômico. Fé e família, sangue e crença, é com isso que as pessoas se identificam e é por isso que lutam e morrem. É por isso que o choque entre civilizações está substituindo a Guerra Fria como fenômeno central da política global” (Chiappin, 1994, p.49).

Segundo Chiappin, Huntington apregoa que a universalização da democracia liberal é uma falácia, encontrando-se por detrás da idéia de que “o colapso da União Soviética significa o fim da história e a vitória da democracia liberal em todo o mundo” (Chiappin, 1994, p.49)¹⁶.

¹⁶ O autor faz referência ao pensamento de Huntington quanto à proposta de Francis Fukuyama sobre o “fim” da história, segundo o qual, o paradigma da democracia liberal foi elaborado no sentido de ser a única alternativa ao comunismo.

Seguindo esta reflexão, é de grande audácia imaginar que devido ao fracasso do comunismo o Ocidente ganhou o mundo para sempre.

Outro argumento refutado por ele é o de que a modernização e o desenvolvimento econômico têm um efeito homogeneizador sobre o mundo, favorecendo a produção de uma cultura moderna comum à cultura que tem existido no Ocidente neste século.

Apesar de aceitar que no mundo contemporâneo as sociedades modernas têm sido as sociedades ocidentais, Huntington recusa a identificação entre ocidentalização e a modernização.

O mesmo autor afirma que o atual estado do mundo é o de conflito, ao contrário da visão de um mundo único, para qual esses conflitos se reduziriam, devido à expansão até os limites do planeta, do liberalismo econômico.

A correção a ser feita na previsão dos defensores da tese do mundo único é que os conflitos e violências entre Estados e grupos vão diminuir, mas apenas no que diz respeito aos membros de uma mesma civilização.

Em contrapartida, devem aumentar para os membros de civilizações diferentes, pois [...] ”quando dois grupos fazem parte de uma mesma civilização, a probabilidade de conflito é menor” (Chiappin, 1994, p.51).

REFLEXÕES FINAIS

Os mais variados enfoques aqui apresentados permitem afirmar que existe pouca perspectiva para o estabelecimento de uma cultura de alcance global unificada.

Ao contrário, hoje existem muitas culturas que ganharam uma visibilidade global, graças à intensidade e à rapidez da informação que circula pelo mundo.

Com o processo de globalização em curso, foi produzida uma situação onde não há mais estranhos. A pessoa que era considerada estranha agora se torna o próximo, com o resultado de que a diferença entre aquele que pertence ao grupo e o estranho não mais existe.

Este tipo de acontecimento pode encaminhar a humanidade ao ecumenismo religioso, à tolerância e aos ideais universais, onde haveria a inclusão de todos; ou a resistência à globalização, na forma de movimentos opostos, como os diversos fundamentalismos não-ocidentais que reagem à presumível ocidentalização do planeta.

Segundo Milton Santos, comentado por Ribeiro, a globalização deveria ser *mais humana*, mas sem descartar a base técnica que a sustenta econômica e financeiramente (Ribeiro, 2002, p.6).

Neste contexto, as comparações entre uma cultura nacional e global são inviáveis.

Para Mike Featherstone:

“Torna-se impossível falar de uma cultura comum, em sentido amplo, sem nos referirmos a quem está falando da mesma, ao conjunto de interdependências e de equilíbrio do poder, aos objetivos que se têm em mira, e sem fazer referência às culturas estrangeiras que devem ser descartadas, rejeitadas, modificadas, para poder gerar um sentido de identidade cultural” (Featherstone, 1990, p.18).

Analisar este fenômeno e seu alcance global significa, na imaginação, construir um “intruso” no globo, à espera da ameaça global, captada somente nas páginas e na amplitude dos relatos da ficção científica relacionada aos invasores espaciais, às guerras interplanetárias e intergalácticas.

Além do mais, os intelectuais cosmopolitas transnacionais (poderíamos nos perguntar: a serviço de quais senhores?) teriam um longo caminho a percorrer para redescobrir, formular e concordar com os equivalentes globais da *ethnie*.¹⁷

No raciocínio de Octávio Ianni, nômade é o termo que define o modo de vida e o estilo cultural e o consumo dos anos 2000. E indo mais além, poderíamos encontrar o conceito de cidadão multidimensional, que segundo o geógrafo Milton Santos, seria o local onde as dimensões se articulam na procura de um sentido para a vida, o futuro e uma concepção de mundo (Santos: 1987, p.41).

O Mercado Global cria a ilusão de que tudo tende a assemelhar-se e a se tornar homogêneo.

Por fim, a globalização, que combina com integração e homogeneização, também rima com o binômio diferenciação e fragmentação.

E neste processo, fica mais visível e evidente o lugar; o local; o nacional; a identidade e o patriotismo; o provincianismo e o nacionalismo; as tensões entre o local e o global; entre o mundo, a região e o lugar; entre o mundo e o território.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. São Paulo, Editora UNESP, 1996.

CHIAPPIN, José R. N. “O paradigma de Huntington e o realismo político”, in: *Lua Nova*, nº 34. São Paulo, CEDEC, 1994.

FEATHERSTONE, Mike (org.) - *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 1990, 3ª ed.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo, Studio Nobel: SESC, 1997.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HUNTINGTON, Samuel P. “Choque de civilizações?” In: *Política externa*, vol. 2, nº 4. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York, Ed. Touchstone Book, 1997.

IANNI, Octavio – *A sociedade global*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995, 2ª ed.

IANNI, Octavio – *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996, 2ª ed.

LAFER, Celso e FONSECA, Jr. “Questões para a diplomacia brasileira no contexto internacional das polaridades indefinidas.” In : *Temas de Política Externa Brasileira II*, vol1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

ORTIZ, Renato – *Mundialização e cultura*. – São Paulo, Brasiliense, 1994, 2ª ed.

REIS, Fernando Guimarães. “O Brasil e a América Latina”. In: *Temas de Política Externa II*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. 2ª ed.

¹⁷ O termo refere-se, segundo Featherstone, às etnias componentes das nações, às tradições pré-modernas, às memórias, mitos, valores e símbolos mantidos pelos diversos povos.

RIBEIRO, W. C. “Globalização e Geografia em Milton Santos”. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova*. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, nº 124, 30 set. 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN:1138-9788]

SANTOS, Milton *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 1997.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

Recebido em julho de 2005

Aceito em dezembro de 2005